



OZONO

... e a mudança do clima

Dois problemas ambientais confrontam o planeta com questões únicas na sua história: a possibilidade de que a camada de ozono terrestre, a qual protege a vida na terra da radiação prejudicial do sol, se torne seriamente enfraquecida; e a ameaça crescente do aquecimento global causada pela libertação de gases de estufa na atmosfera. Os dois problemas não ameaçam apenas a espécie humana mas também outros animais e plantas. Os dois problemas necessitam—e estão recebendo—urgente ação internacional.

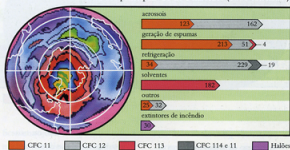
Uma fina camada de ozono, 25-40 km acima da superfície da Terra, protege a vida subjacente de uma parte da radiação ultravioleta do Sol (UV-B) que de outra forma seria prejudicial a muitas formas de vida. A camada de ozono está sendo empobrecida por produtos químicos largados à superfície da terra, especialmente os clorofluorcarbonos (CFCs) largamente usados em refrigeração, em aerossóis, e como produtos de limpeza em muitas indústrias. Os primeiros sinais de dano surgiram quando os cientistas descobriram um buraco gigante na camada de ozono acima da Antártica, que se fechava mais tarde no ano.

O dano é originado pela libertação de formas altamente reactivas de cloro e bromo dos CFCs e dos halóides, usados em extintores de incêndio. O nível de cloro na atmosfera é actualmente duas vezes e meia superior ao que era em 1970.

Se os CFCs continuarem a ser emitidos de uma forma tão desenfreada como o eram em 1980 a camada de ozono será reduzida em cerca de 3 por cento durante os próximos 70 anos; se as emissões duplicarem, até 12 por cento da camada de ozono poderá desaparecer. Estações de controlo de ozono na Antártica detectaram já perdas médias de 30-40 por cento no total de ozono sobre a região durante a primavera; e a algumas altitudes a perda pode ter chegado aos 95 por cento.

Cada um por cento de redução na quantidade de ozono provavelmente causará um aumento de 2 por cento de UV-B. A exposição a níveis superiores de UV-B reduz a eficácia do sistema imune do corpo, aumentando assim a taxa de morbilidade e a incidência de cataratas oculares e cânceres de pele. Plantas e organismos aquáticos podem ser severamente danificados pela UV-B, o que poderá resultar em redução da produção de alimentos e das reservas de peixe.

Uso mundial dos principais CFCs e halóides (1000 toneladas)



A ameaça é aguda, porém a comunidade internacional reagiu com vigor e determinação. Graças ao papel determinante do PNUMA, esforços internacionais para solucionar o problema foram iniciados logo em 1977. Dez anos mais tarde a comunidade mundial concordou na redução da produção e consumo de CFCs ao assinar o Protocolo de Montreal sobre Substâncias Empobrecedoras da Camada de Ozono. O Protocolo entrou em vigor em 1 de Janeiro de 1989 e foi alterado

em 1990, depois de pesquisas demonstrarem que o empobrecimento era ainda mais grave do que se temia anteriormente. Está planeado que os CFCs sejam retirados de uso até ao ano 2000, havendo também acordo para que sejam igualmente retiradas outras substâncias provocadoras do empobrecimento da camada de ozono. Com alguma sorte, esta primeira e até ao momento única acção legislativa em relação ao meio-ambiente, poderá vir a salvar a vida na Terra